

Juros mais altos e menos emprego: brasileiros pagam a conta

O dia em que o país ruiu

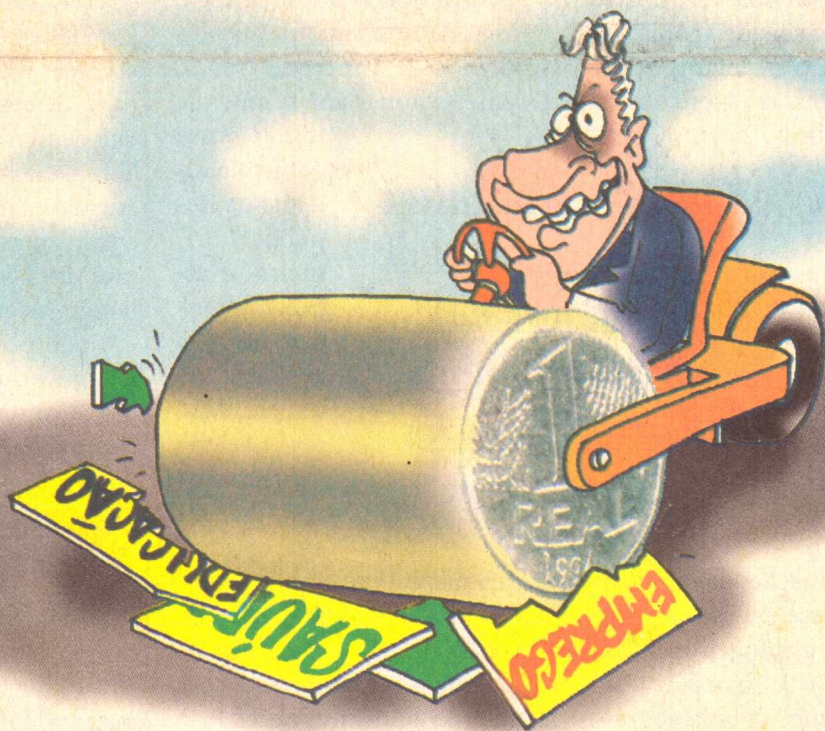
Um dia negro, o dia em que o país ruiu. Estes eram os principais comentários ao fim da última quinta-feira, 10 de setembro. As Bolsas de Valores de São Paulo e Rio acusaram queda de cerca de 16% e os negócios foram suspensos duas vezes no mesmo dia. Nada menos que US\$ 1,974 deixaram o país. Apesar disso, FHC garantiu que não elevaria os juros. Mas, à noite, eles foram aumentados de 29,75% para 49,75% ao ano, na tentativa de evitar mais evasão de dólares do país. É o resultado da política econômica de FHC, que deixa o país nas mãos dos especuladores internacionais. Quem paga? O povo brasileiro, com juros mais altos e menos emprego.



Mudar para o bem do Brasil

Reeleger Fernando Henrique Cardoso é deixar no poder o principal responsável pela grave crise que o país atravessa. Foi ele quem implantou essa política econômica irresponsável, que deixou o Brasil à mercê do capital estrangeiro especulativo. É preciso mudar de governo. Lula e Brizola representam essa mudança. Com eles, o Brasil terá um novo rumo, o rumo do crescimento econômico, do fortalecimento da indústria nacional, do fim da dependência do capital especulativo, do emprego, da reforma agrária. Só depende de nós. Em 4 de outubro, vamos dar ao Brasil um novo governo, com a garantia de um futuro melhor.

Medidas são eleitoreiras e não resolvem crise



Os mais pobres, como sempre, são os mais atingidos, já que o desemprego vai aumentar e os juros dos crediários, cartões de crédito e cheque especial ficarão mais altos.

Não dava mais para ignorar a crise econômica. E o governo resolveu tomar medidas para enfrentá-la. Que medidas? Aumentar duas vezes os juros, reduzir os gastos do Orçamento deste ano e estimular as exportações, visando atingir um superávit primário de R\$ 5 bilhões, ao invés dos R\$ 4,3 bilhões previstos anteriormente.

As reações negativas começaram pelo próprio mercado financeiro que, segundo a imprensa, considerou as medidas tímidas e insuficientes. Tanto isso é verdade que a fuga de dólares do país continuou.

Até mesmo a Bolsa de Valores de São Paulo, que estava em alta, fechou em queda após o anúncio das primeiras medidas governamentais. Isso apesar da intervenção do governo no pregão, comprando ações para estimular a alta dos preços.

Menos emprego

Apesar de tímidas e insufici-

entes, as medidas tomadas pelo governo vão ter um impacto negativo sobre o crescimento econômico do país. O que isso significa? Menos emprego, agravando ainda mais o quadro de desemprego, que já é desesperador para milhões e milhões de brasileiros.

O corte no Orçamento também vai se destinar, principalmente, à área social. Menos dinheiro para a educação, a saúde e os programas como o Brasil em Ação e Comunidade Solidária.

Enquanto isso ocorre, FHC continua prometendo, no horário eleitoral gratuito da TV, aumentar os gastos com o social e resolver o problema do desemprego em seu próximo mandato.

Mas a verdade é que se espera, para logo após as eleições, um novo pacote de medidas econômicas, mais duras que as tomadas agora, resultando em maior sacrifício para a população.

Perfumaria

“Esse pacote é pura perfumaria. Sob a ótica do governo, o esperado era que houvesse aumento de tributos, como aconteceu no pacote de outubro para enfrentar a crise asiática. O governo não fez isso porque não quer ter prejuízo eleitoral”, afirmou o economista petista Guido Mantega.

Segundo ele, o corte de R\$ 4 bilhões no Orçamento não vai reduzir o déficit público, que hoje chega a 7% do PIB (Produto Interno Bruto).

Após a forte queda das Bolsas, na última quinta-feira, o governo aumentou novamente os juros, tentando segurar a saída de dólares do país.

É preciso saber, entretanto, até quando o governo vai resistir com a mesma política cambial, ou vai ceder e desvalorizar o real.

O pacote segue parcialmente o receituário do FMI: elevar juros e cortar despesas. Só que

Fundo exige também o aumento de impostos. Mas isso o governo não teve a coragem de fazer nas vésperas das eleições.

Para não dizer que tudo está errado, Guido avaliou como positivas as medidas do governo para incentivar as exportações. Mas salientou: “Finalmente, o governo reconheceu que estava no caminho errado e que tem que valorizar o mercado interno, como sempre dissemos. Só que o arrependimento é tardio. Ao abrir totalmente o país às importações, o governo FHC não protegeu o Brasil da Crise”.

Os assessores econômicos de Lula avaliam que, entre as medidas adotadas pelo governo, a alta dos juros é que terá mais impacto imediato no bolso dos brasileiros. Isso porque os custos dos crediários, dos cartões de crédito, dos empréstimos e dos cheques especiais ficarão mais elevados. Aliás, as taxas já começam a subir.

Quinquilharias

Leonel Brizola, candidato a vice-presidente na chapa da União do Povo-Muda Brasil, chamou as medidas do governo de “medidas Sloppter”, referindo-se à antiga loja de departamentos do Rio de Janeiro. Segundo ele, são quinquilharias, artigo principal daquela loja; são medidas para inglês ver, para mostrar para os gringos, só aparência”.

“O atual presidente pretende esconder da população o quadro de crise que vivemos hoje. Penso que tudo é jogo de cena para chegar às eleições. É o congelamento de uma situação negativa, sem qualquer perspectiva de solução”, disse Brizola.

Para o candidato a vice de Lula, as medidas tomadas pelo governo só vão sacrificar os mais pobres, já que prevêem cortes em serviços essenciais.

Artistas e intelectuais assinam manifesto

Artistas e intelectuais reunidos no último dia 8, na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), no Rio de Janeiro, assinaram um manifesto à nação, em defesa do povo, da ética e da democracia.

O texto critica a posição do governo, que tentou esconder a crise econômica, “furtando-se às responsabilidades que tem pela vulnerabilidade em que nos encontramos”.

Segundo o texto, “os indicadores macroeconômicos mostram que todo o sacrifício imposto aos setores produtivos e aos trabalhadores foi em vão. (...) Nos últimos 15 dias tem fugido US\$ 1 bilhão por dia para o exterior. Denunciamos esse quadro que, insistimos, é conseqüência fundamental da forma equivocada e antipatriótica pela qual o governo FHC reagiu frente à crise mundial”.

E continua: “O governo tem de ouvir as alternativas dos movimentos sindical e popular, do empresariado nacional, das oposições, de intelectuais, artistas e técnicos que há muitos anos vêm propondo outro caminho para o país. Esse caminho privilegia a produção e o emprego, com o correspondente fortalecimento de nosso mercado interno. Ele defende a soberania nacional, protegendo a economia do país dos capitais especulativos. (...) é necessário aplicar-se um programa de emergência para

enfrentar o impacto mais imediato da crise sobre os trabalhadores e os excluídos. Trata-se de acelerar a reforma agrária, ter políticas emergenciais de emprego e de combate à fome e às mais duras formas de exclusão”.

Assinaturas

Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, presidente da CUT, entregou o documento a Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI, que o assinou em seguida.

Entre os intelectuais presentes ao ato estavam Apolônio de Carvalho; Emir Sader; Fábio Comparato; Chico de Oliveira; Jacob Gorender; o coordenador do MST, João Pedro Stédille; e a economista e deputada federal (PT-RJ), Maria da Conceição Tavares.

O manifesto foi ainda assinado pelos juristas Gofredo da Silva Telles, Dalmo Dallari e Evandro Lins e Silva; pelo ex-presidente da OAB Marcelo Lavenere; Herman Baeta, presidente do Instituto dos Advogados do Brasil; Frei Betto; Leonardo Boff; Mário Lago; Antonio Houaiss; Plínio de Arruda Sampaio; Ariano Suassuna; Celso Furtado; Luciano Martins e outros.

Também estavam presentes os candidatos da coligação Muda Rio, Anthony Garotinho (governador), Saturnino Braga (vice-governador) e Benedita da Silva (senadora).

RECADADO

A crise chegou



Jorge Mariano

O mundo sonhado por FHC não existia. Nem houve um ciclo de crescimento virtuoso no mundo, nem um renascimento do capitalismo. O que vemos, por todos os lados, é crise. O problema é que muitos países não foram afetados, porque não adotaram o modelo nem seguiram a política suicida implantada no Brasil pela coalizão PFL/PSDB. É o caso da China e da Índia.

Outros países, como a Coréia, a Indonésia e Taiwan, começaram a mudar os pressupostos de suas políticas econômicas e os seus objetivos na relação com o mundo globalizado.

Como Lula alertou, a crise chegou. Na verdade, no ano passado, quando teve início a crise asiática, o PT lançou um manifesto em "Defesa do Brasil", alertando para as graves consequências da política e do modelo econômico implantados pelo governo conservador de FHC.

Não só a sobrevalorização cambial, o juro alto, a abertura indiscriminada às importações eram mortais para o país, mas, principalmente, a dependência dos capitais externos.

A verdade nua e crua é que o Brasil encontra-se num beco sem saída. Enquanto Fernando Henrique Cardoso governar, enquanto predominarem os in-

teresses da banca e dos mercados financeiros internacionais, nosso país não terá futuro.

O mais grave é que o Brasil foi endividado para nada. Não houve investimento na infraestrutura, na produção, nem no social. O país foi endividado para pagar juros de uma dívida impagável, seja ela externa, seja ela interna. Com o agravante de que 70 empresas estatais foram vendidas nos últimos dez anos.

O Brasil trocou o financiamento do desenvolvimento via inflação pelo financiamento do não-desenvolvimento via endividamento. Este ano, o governo tem que pagar cerca de R\$ 60 bilhões em juros. Entraram no país, nos últimos cinco anos, R\$ 48 bilhões em investimentos externos: 60% para comprar empresas nacio-

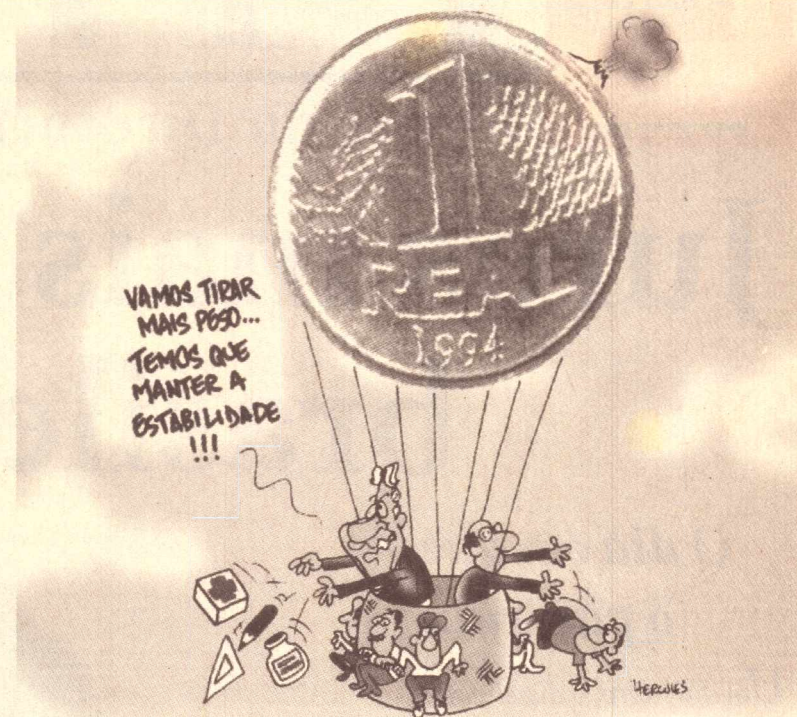
nais. Mas saíram mais de R\$ 100 bilhões. O Brasil é exportador de capitais.

É hora de mudar o modelo, de ir para o segundo turno e garantir a eleição de Lula. A grande mídia chapa branca continua sustentando o presidente Fernando Henrique Cardoso, o modelo e a política econômica. Alguns articulistas e alguns editoriais, de forma envergonhada, começam a reconhecer que o modelo se esgotou.

Mas existe ainda uma vontade política na direita e no grande empresariado de manietar o povo, dopá-lo pelos meios de comunicação para que ele reeleja Fernando Henrique no primeiro turno.

As provocações continuam. A mais recente é que o Movimento dos Sem-Terra estaria se armando para o confronto, em busca de um cadáver para influenciar nas eleições.

Raul Jungmann, ministro de Política Fundiária, e o general Alberto Cardoso, ministro-chefe da Casa Militar, transformaram-se em garotos-propaganda



do comitê eleitoral de Fernando Henrique Cardoso para provocar Lula e a União do Povo-Muda Brasil.

Foram desmascarados. Porque, na verdade, quem está se armando são os fazendeiros do Pontal de Paranapanema, quem montou a provocação foi o comitê eleitoral de FHC, quem não faz a reforma agrária é o governo, que investiu apenas 24% de todo o orçamento destinado ao programa. E, agora, acabou de cortar R\$ 181 milhões que seriam aplicados no assentamento de homens no campo.

O governo não aprende: subiu juros, cortou gastos, vai aumentar impostos, dolarizou a dívida e pensa que pode continuar empurrando a crise com a barriga.

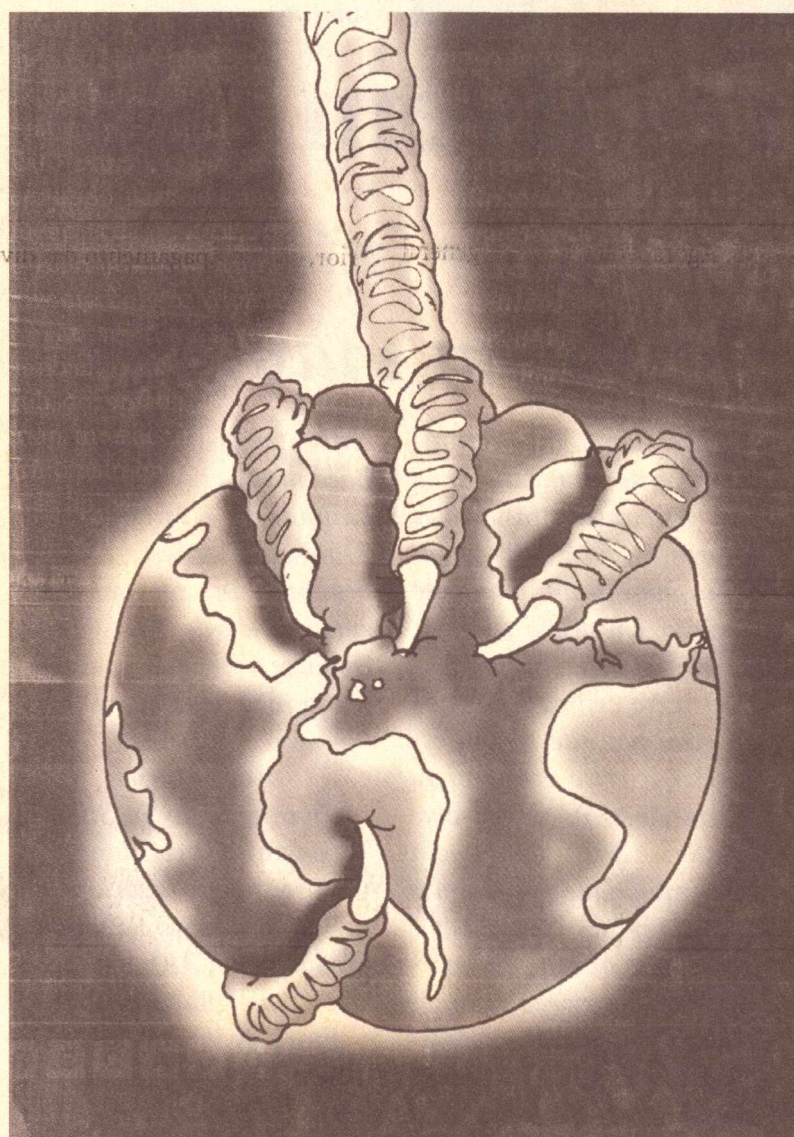
O desenlace da crise depende de 4 de outubro. E 4 de outubro depende de cada um de nós. Vamos à luta. Vamos levar Lula para o segundo turno e construir um novo governo no Brasil para termos um país mais justo e democrático.

José Dirceu

Presidente nacional do PT

ARTIGO

Balança o Muro de Washington



subdesenvolvimento e permitiu que países como o México, a Argentina e o Brasil debelassem a espiral inflacionária.

Estava erguido o Muro de Washington: de um lado, o capital volátil, os investimentos especulativos, o cassino global, no qual as nações do Terceiro Mundo figuram como números na roleta dos juros altos. Do outro, o crescimento do déficit público, da dívida externa, do desemprego e da pobreza.

Ao contrário do Muro de Berlim, feito de pedras, o de Washington atravessa o planeta em sinais eletrônicos, manifesta-se nos índices das Bolsas de Valores, constrói-se com derivativos e demarca, numa mesma nação, a fronteira divisória entre privilegiados e excluídos.

Países dotados de excepcional capacidade produtiva e incensuráveis riquezas naturais, como o Brasil, aderiram ao Consenso de Washington, convencidos de que a desnacionalização de suas economias seria a via mais rápida à sua integração no Primeiro Mundo.

Alguns, como os Tigres Asiáticos, valeram-se do festival de dólares para investir em educação e infra-estrutura, e proteger a indústria nacional. O Brasil, convencido de que Deus é brasileiro, preferiu acreditar que estaria acima de eventuais turbulências da economia mundial.

De repente, balança o Muro de Washington. Primeiro, a Tailândia; em seguida, a Indonésia, com estilhaços nas vidraças do Japão. Os senhores do FMI trataram de acalmar os ânimos com injeções de dólares,

mudanças na política econômica e substituições políticas, como ocorreu na Indonésia e no Japão. O tigre não morreu, mas perdeu os dentes.

Eis que, por sua vez, o urso apresentou sinais de agonia. Os senhores de Washington deixaram de prestar atenção na alcova presidencial e correram para Moscou. Não se pense que temiam a morte do urso e, num gesto altruísta, se mostravam dispostos a reanimá-lo com novas injeções de capital. O único interesse era salvar os investimentos estrangeiros na roleta russa e a bandeira do neoliberalismo erguida sobre o Muro de Washington.

Após o aparente fracasso do socialismo, urgia não permitir o fracasso do capitalismo. Sobretudo no Leste Europeu. Não houve tempo. Bilhões de dólares foram tragados pela queda do urso. O neoliberalismo viu-se desmoralizado. Tornou-se urgente a intervenção do Estado na economia.

O efeito Orloff deu ressaca nas finanças mundiais. As Bolsas entraram em queda livre, os investidores retraíram-se, as nações atreladas ao receituário do FMI tiveram de sacar bilhões de dólares de suas reservas para cobrir os rombos abertos pela fuga do capital especulativo. O Brasil perdeu, em agosto, pouco mais de US\$ 9 bilhões. Dinheiro sufi-

ciente para, afinal, realizar a reforma agrária, acabar com o problema fundiário e, de quebra, tirar da rua todas as crianças desamparadas.

Ocorre que o Brasil carrega, em seu inconsciente político, a síndrome de Tancredo Neves. Doente, evitou tratar-se antes de

tomar posse como presidente da República. Primeiro, o almejado poder. Depois, a saúde do corpo. Não deu. O eleito morreu antes de ser empossado e o país mergulhou numa era inflacionária sem precedentes.

Agora, trata-se de fazer de conta que o Brasil não está com a saúde econômica abalada. Pelo menos até 4 de outubro, dia das eleições. Até lá, o Banco Central espera ter fôlego para injetar bilhões de dólares no mercado financeiro e, assim, manter a estabilidade do real. Acenará aos investidores com vantagens ja-

mais vistas, juros mais altos, isenção de impostos etc., como o crupiê que grita "façam sua jogada" e promete a sorte grande ou o dinheiro de volta. Se houver perda, o ônus é do cassino Brasil. Entenda-se: o povo brasileiro.

Entre as eleições e 1º de janeiro, só a equipe econômica sabe o que ocorrerá. Mas não é preciso bola de cristal para prever novo ajuste, desvalorização do real, enxugamento da liquidez. Teremos um Natal de muitas velas e poucas alegrias.

Tudo porque o governo que nos governa se deixa governar pelo Consenso de Washington. Despreza a capacidade de trabalho do brasileiro, a competência de nossos cientistas e técnicos, o potencial de nossa indústria nacional e, sobretudo, a fatura de nossa agricultura, se o campo não sofresse a praga do latifúndio e a falta de uma política agrícola.

A 4 de outubro, só nos resta votar pela independência do Brasil.

Frei Betto, escritor, autor de "Cotidiano & Mistério" (Olho D'Água), entre outros livros.

O Muro de Berlim desabou em 1989. Os escombros soterraram o socialismo no Leste Europeu, o ativismo militante da esquerda e as utopias libertárias. Encerrada a Guerra Fria, o capitalismo alargou suas fronteiras, acenando com mais liberdade e prosperidade. A Rússia dependurou-se na alça da Bolsa de Valores e deixou-se monitorar pelo FMI e o Banco Mundial, sediados em Washington.

O Consenso de Washington prescreveu um receituário considerado infalível à felicidade geral das nações: ajuste fiscal, privatização do patrimônio público, não-intervenção do Estado na economia, mercado aquecido pela livre concorrência e regulado pelas leis da oferta e da procura.

Eis o neoliberalismo, a nova face do liberalismo. O receituário parecia eficaz, pois arrancou os Tigres Asiáticos da jaula do

PTnotícias

Jornal do Partido dos Trabalhadores

PRESIDENTE NACIONAL DO PT

José Dirceu

SECRETÁRIO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO

Ozeas Duarte

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Vera Bueno de Azevedo

MTB 17687

REDAÇÃO

Vera Bueno de Azevedo, Fernanda Estima, Marcos Palácio, Carlos Arruda e Énio Taniguti

ADMINISTRAÇÃO

Ricardo Bimbo, Beth Lima e

Sonia M. N. Pedroso

DIAGRAMAÇÃO

Jorge Mariano

ILUSTRAÇÕES

Hércules Santos

SEDE

Rua Silveira Martins, 132, São Paulo - SP

CEP 01019-00

Tel: (011) 233-1313 Fax: (011) 233-1300

e-mail: comunic@pt.org.br

Tiragem: 12.000 exemplares

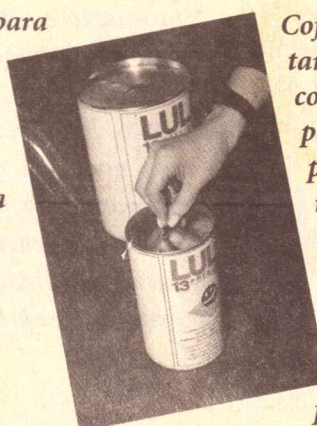
Fotolitos: Bureaugraf

Impressão: Artgraf

Contribua com a campanha da União do Povo-Muda Brasil



Caderno com espaço para 20 contribuições, onde você pode mandar seu recado para Lula, Brizola ou a coordenação da campanha. Podem ser obtidos pelo telefone (011) 3667-1073, ramais 215 e 216, com Vicente ou Vera.



Cofrinhos, em três tamanhos, para contribuições de amigos, parentes, em festas, portas de fábrica, reuniões etc. Podem ser obtidos nos diretórios nacionais e regionais dos partidos da União do Povo-Muda Brasil (PT, PDT, PSB, PCdoB e PCB).

CONTAS LULA PRESIDENTE

Banco	Agência	Conta corrente
Banco do Brasil	3323-5	2000-1
Bradesco	515-0	27.777-0
Itaú	0737	30.950-0
CEF	1652	003.571-4
Unibanco	0347	749.249-4
Banestado	062	36.013-9

0900-110765



Cada ligação corresponde a uma colaboração de R\$ 5,00, cobrados na sua próxima conta telefônica

MANIFESTAÇÕES

Dia 18 de setembro o Brasil vai ficar lilás

No dia 18 de setembro acontecerá o dia nacional de mobilização das mulheres da União do Povo-

Muda Brasil, quando realizarão diversas atividades, deixando todo o país pintado de lilás.

Em cada região as atividades acontecerão de acordo com as agendas e especificidades locais. No período da manhã acontecerão panfletagens em feiras, creches, escolas, hospitais, portas de fábrica e locais de comércio.

À tarde, a idéia é realizar grandes manifestações públicas de rua, com mulheres de diferentes setores sociais, movimentos e regiões que apóiam a candidatura Lula. Nas atividades serão distribuídos panfletos com as propostas da União do Povo para as mulheres brasileiras (veja box). O ato público em São Paulo, por exemplo, contará com as presenças de Marta, Lula e Suplicy, no centro da cidade, na Praça Ramos.

Emprego, saúde, educação, dignidade...

Lula é o único candidato que vai combater de verdade a pobreza e a miséria, criando mais empregos e melhorando os salários dos que ganham menos, garantindo mais verbas para a saúde e educação. Além disso, vai trabalhar para construir uma sociedade que respeite os direitos das mulheres e sua participação na vida política e econômica do país.

Emprego e cuidado com as crianças

- Promover a criação de mais e melhores empregos, principalmente para as jovens, as negras e as chefes de família.
- Facilitar o crédito para as mulheres poderem criar cooperativas e microempresas.
- Dar formação profissional

para as mulheres e combater a discriminação contra as mulheres negras.

- Garantir os documentos de posse de terra para as trabalhadoras rurais e a escritura da casa nos programas de habitação.
- Incentivar os governos dos Estados e prefeituras a criar mais creches e escolas de tempo integral.

Saúde e dignidade da mulher

- Aumentar os recursos para a saúde, fazendo funcionar de verdade a rede pública de saúde.
- Incentivar os governos dos Estados e prefeituras a colocar em prática o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher.

Ações de emergência

- Garantir atendimento ao pré-



PROPOSTAS DE GOVERNO PARA AS MULHERES

LULA
13 PRESIDENTE
VICE: BRIZOLA

natal, parto e pós-parto, para evitar a doença e a morte materna.

- Fazer campanhas de prevenção contra a Aids, câncer e outras doenças.
- Garantir métodos anticoncepcionais para a população, com

acompanhamento médico.

- Executar um programa nacional de combate à violência contra as mulheres.
- Garantir, na rede pública de saúde, o atendimento ao aborto nos casos previstos em lei.

Artistas e intelectuais apóiam Lula

Nesta segunda-feira, 14 de setembro, artistas, professores, intelectuais, cientistas e pesquisadores divulgarão e entregarão ao candidato da União do Povo-Muda Brasil o manifesto "Lula presidente, um voto de esperança". Compareça e leve os amigos, ajude a divulgar o encontro e o manifesto.

O evento contará com a presença de alguns dos signatários do manifesto, como Chico Buarque, Antonio Cândido, Aziz Ab'Saber, Aldo Lins e Silva, Fábio Comparato, Francisco de Oliveira, José Aristodemo Pinoti, Jacó Gorender, Lélia Abramo, Luciano Coutinho, Marcio Thomaz Bastos e Sérgio Mamberti. O encontro acontecerá no auditório do TUCA, na PUC de São Paulo, rua Monte Alegre, 984, Perdizes.

LULA PRESIDENTE, UM VOTO DE ESPERANÇA

O compromisso dos intelectuais brasileiros com o futuro do país

Como professores, cientistas, artistas, intelectuais, tivemos acesso aos bens culturais criados pela humanidade. As posições a que chegamos na vida intelectual do país devem-se também ao esforço de milhões de brasileiros.

A responsabilidade que temos para com a sociedade exige mais do que seriedade e competência: pede um engajamento radical. Por meio deste Manifesto queremos assumir um compromisso com o futuro do Brasil. Fazemos saber ao povo brasileiro nossa opção pela União do Povo-Muda Brasil, pela candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República.

Estamos com Lula porque acreditamos que somente com crescimento e distribuição de renda, fortalecendo a indústria e a agricultura, criando empregos e eliminando a exclusão é que se pode conseguir uma verdadeira estabilidade da moeda.

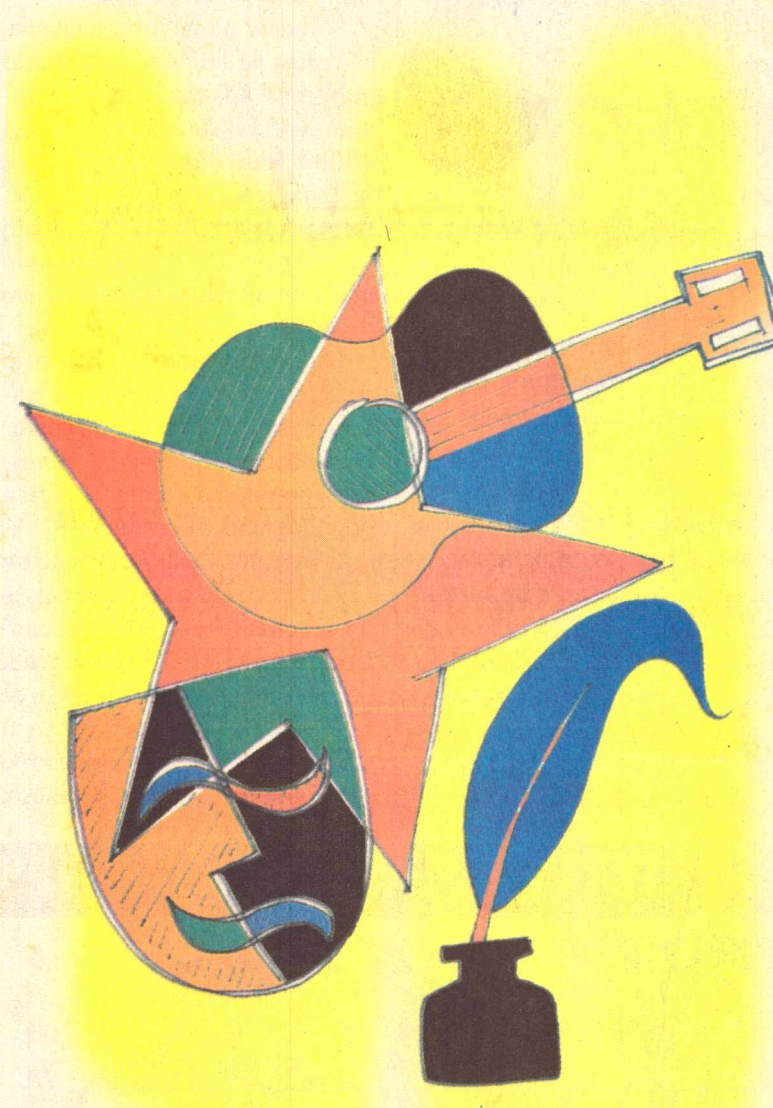
Críticos do "pensamento único", que só nos propõe a via de uma inserção subordinada no mundo da globalização financeira, acreditamos que é possível construir um caminho de crescimento com distribuição de renda, um desenvolvimento sustentado, soberano e solidário que permita corrigir as desigualdades seculares que marcam nossa história. Estamos com Lula porque que-

remos aprofundar a democracia em nosso país e porque acreditamos que, quando não há democracia econômica e social, é a democracia como um todo que se encontra ameaçada.

Forjados na luta contra o autoritarismo, repugna-nos a promiscuidade política do atual presidente com os velhos serviços do regime militar. Provocam nossa indignação as tentativas de manipulação do Congresso Nacional e do Judiciário pelo Poder Executivo. Não se pode falar em "sociedade civil" e, ao mesmo tempo, insultar aposentados, idosos ou tentar desqualificar permanentemente as oposições.

Um presidente eleito pelo voto popular não pode transformar seus adversários em inimigos. Não pode haver um país de cidadãos nem respeito aos direitos humanos enquanto existirem milhões de desempregados e excluídos, milhões de crianças e jovens privados de educação de qualidade, um sistema de saúde à beira do colapso.

Como intelectuais e trabalhadores da cultura queremos um amplo debate de idéias sobre o país, o que exige a democratização dos meios de comunicação. Estamos com Lula porque acreditamos que alguém vindo do povo, que articule o que a sociedade brasileira possui de me-



lhor, será capaz de estabelecer um novo contrato social, conduzir a grande negociação nacional para eliminar as graves distorções de nossa economia e as ameaças que pesam sobre ela. Estamos com Lula porque queremos um novo Brasil e, para isso, necessitamos novas políti-

cas, novas prioridades e um novo governo.

Estamos com Lula, sobretudo, porque não perdemos a esperança e porque vemos nesse filho do Brasil, as virtudes políticas, intelectuais, éticas e morais indispensáveis para conduzir nosso país nesse período difícil que vivemos.

Juventude mostra sua cara

No dia 23 de setembro a juventude da União do Povo-Muda Brasil tomará as ruas do país.

A orientação é que todas as cidades organizem atividades com os jovens, como panfletagens, comícios, atos-show.

Nas capitais estão programadas grandes concentrações, que deverão ter as características e particularidades definidas pela organização de cada Estado.

Mas independente do tipo de atividade, o importante é levar a juventude da coligação para as ruas, apresentar o programa de governo para o setor e impulsionar

esse período de final de campanha para garantir o apoio dos jovens e chegarmos ao segundo turno. Mãos à obra!



Caravana de Sindicalistas já percorreu quase 8 mil quilômetros

A caravana de sindicalistas metalúrgicos do ABC, Ara-raquara, Amparo, Matão, Limeira, Campinas, Taubaté, Pindamonhangaba, Itu e Cajamar está sendo um sucesso.

Os dirigentes e militantes estão na estrada desde o dia 20 de junho e já estão chegando ao seu destino: o Vale do Ribeira. O objetivo da caravana é o de atingir 6 milhões de

pessoas, em 230 cidades, percorrendo 8.400 quilômetros, levando as propostas da União do Povo.

"A grande maioria das cidades recebeu a gente com festa", disse Paulo Sérgio, um dos organizadores. "Já percorremos quase 8 mil km e ainda temos ânimo e disposição para continuar até as eleições", afirmou.

PARTICIPE DOS COMÍCIOS

A União do Povo-Muda Brasil está organizando uma grande jornada de comícios de Lula por todos os Estados do país. Vamos lotar os eventos e mostrar para o Brasil que queremos um novo rumo, um novo governo.

20/9 - São Paulo (SP) - 16 horas - Praça da Sé, centro

25/9 - Maceió (AL) - 16 horas -

25/9 - Recife (PE) - 19 horas - Praça do Carmo, Santo Antonio

26/9 - Campo Grande (MS) - 19 horas - sem confirmação de local até o fechamento

26/9 - Brasília (DF) - 17 horas - sem confirmação de local até o fechamento

28/9 - Curitiba (PR) - 19 horas - Boca Maldita, final da Rua XV de Novembro

29/9 - Belo Horizonte (MG) - 19 horas - Praça da Estação, centro

30/9 - Porto Alegre (RS) - 19 horas - Largo da EPATUR, travessa do Carmo, Cidade Baixa

1º/10 - Rio de Janeiro (RJ) - 19 horas - Cinelândia

LULA PRESIDENTE
VICE: BRIZOLA
13